

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Formação de Professores  
Departamento de Educação  
Campus de Cajazeiras

Gilmara Alves Formiga  
Gilvaneide Fernandes de Carvalho

Cajazeiras-PB, março de 2005.

Gilmara Alves Formiga  
Gilvaneide Fernandes de Carvalho

## **Avaliação Escolar: A busca do professor no seu dia-a-dia.**

Monografia apresentada como requisito para obtenção de grau no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> Elzanir dos Santos.

Cajazeiras, Março de 2005.



F725a Formiga, Gilmara Alves.  
Avaliação escolar: a busca do professor no seu dia-a-dia / Gilmara Alves Formiga; Gilvaneide Fernandes de Carvalho.  
- Cajazeiras, 2005.  
31f.  
  
Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.  
  
1. Avaliação escolar. I. Carvalho, Gilvaneide Fernandes de. II. Santos, Elzanir dos. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.091.26

## **Dedicatória**

Dedicamos essas conquistas a nossas famílias, por toda paciência e incentivo dado no decorrer de todo o nosso trabalho, a nossa mestra Elzanir pela consciência profissional e participação efetiva na realização do mesmo e a Deus que acreditou em nós, nos concedendo essa grande conquista de nossas vidas.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 4  |
| 1. CAPÍTULO I   |    |
| 1.1. AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM DESAFIO PARA A PRÁTICA DOCENTE ....      | 7  |
| 2. CAPÍTULO II  |    |
| 2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                               | 14 |
| 3. CAPÍTULO III   |    |
| 3.1. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM VISTA COMO UMA<br>COMPLEXIDADE ..... | 17 |
| 3.2. CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DA AVALIAÇÃO .....            | 22 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                       | 28 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                 | 30 |
| ANEXOS  |    |

## Introdução

A avaliação é um processo que requer a participação tanto do corpo docente como discente, não uma prática desvinculada do fazer pedagógico. A escola de modo geral encontra dificuldades ocasionadas pela inversão na função avaliativa, ou seja, a avaliação deveria ser um acompanhamento do processo educacional, acaba tornando-se o objetivo desse processo. Na prática o objetivo é aprovar ou reprovar os alunos no final do ano letivo.

O problema central da avaliação, portanto, é o seu uso como instrumento de quantificação, de discriminação e seleção social, na medida em que assume no âmbito da escola, a tarefa de separar os “inaptos”, os “capazes” dos “incapazes”.

Levando em consideração que o processo de avaliação tornou-se problema que aflige a educação, surgiu o interesse de questionar junto a Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires, na cidade de Sousa/PB, sobre os problemas que envolvem o processo de avaliação dessa escola, uma vez que estamos inseridos no cotidiano dessa escola como docentes.

Um outro motivo que nos atraiu a essa temática foi o fato de que o processo ensino-aprendizagem é um ato coletivo partindo de interação, onde professor, aluno e outros sujeitos da escola devem sentir-se parte integrante da mesma.

A dificuldade de trabalharmos avaliação na nossa prática do dia-a-dia com professores e a nossa indignação em saber que a avaliação ainda é utilizada para medir o conhecimento do aluno, também serviu de incentivo para escolhermos esse assunto como tema da nossa monografia. Além disso, nos sentimos motivadas em aprofundar nossos conhecimentos em relação a avaliação uma vez que é um tema tão complexo e que um dia já fomos vítimas dele como alunos.

Portanto, para delinear a nossa proposta de estudar a avaliação, tivemos como objetivos, analisar o processo avaliativo desenvolvido pelos docentes da E.E.E.I.E.F. Dr. Thomaz Pires; identificarmos os procedimentos avaliativos utilizados pelos docentes; observarmos as dificuldades apresentadas pelo professor acerca do processo de avaliação.

Este trabalho está dividido em três (3) capítulos, no primeiro está o referencial teórico, o segundo capítulo, apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo; um terceiro apresenta a análise dos dados obtidos através do questionário e dos encontros do estágio em que destacamos depoimentos dos docentes acerca de suas concepções e práticas avaliativas.

A partir deste trabalho nossa concepção acerca da prática avaliativa será repensada e esperamos que este trabalho contribua para uma melhoria na prática

avaliativa das professoras que fizeram parte desse estudo, e assim venha favorecer a escola, oferecendo um ensino de qualidade a seus alunos, já que possibilitamos as docentes um aprofundamento de suas concepções e reflexões sobre seu trabalho com avaliação.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAMPUS - PARAIBA

## 1. CAPÍTULO I

### 1.1. Avaliação escolar: um desafio para prática docente

Na perspectiva de uma educação de qualidade “toda criança na escola” indicado pelos representados, conceber a idéia de avaliação da aprendizagem escolar, associada apenas à realização de algumas provas, testes ou observações torna-se uma prática frágil e ilusória.

A escola como instituição que cumpre a função de socialização tem também o papel de formar cidadãos críticos autônomos que buscam o saber continuamente, porém, a realidade é contraditória, a escola torna-se uma grande reprodutora de sua ideologia.

Os instrumentos de avaliação que a maioria das escolas trabalham pode servir como instrumento de controle em que exclui ou inclui os aptos ou não aptos. Não estamos descartando o uso de instrumento como, provas ou exames, mas é habitual entre professores e pedagogos a prática avaliativa da aprendizagem escolar ser restrita apenas a estes instrumentos e muitas vezes utilizados de formas insensatas e educativamente não tendo nenhuma validade nem contribuição. Segundo Demo (1999, p. 14): *“Para avaliar não é necessário prova. Esta é apenas uma das vertentes possíveis e das mais frágeis”*.

Ainda nesse pensamento Mendez (2002, p. 102-103) nos relata:

*Se da informação fornecida pelas respostas que os alunos dão às perguntas de um exame o professor pode obter dados importantes para melhorar seu próprio ensino (re)orientar e ajudar os alunos em sua aprendizagem o instrumento-exame pode desempenhar um papel educativamente construtivo na formação do aluno. Se o exame só serve como recurso para medir, o sinônimo de qualificar a informação transmitida que o aluno pode produzir linearmente o artefato exame, serve para pouco educativamente falando.*

O que importa é avaliar o aluno em todos os aspectos do desenvolvimento humano em que o mesmo demonstre construção de conhecimento seja no aspecto afetivo, cognitivo, perceptivo ou social, considerando a interação desses aspectos. Aprender é construir o próprio saber onde professor e aluno sejam sujeitos ativos nessa construção.

Nesse sentido concordamos com Demo (1999, p. 25) quando afirma que: *“É preciso avaliar o aluno por que reconstrói pessoalmente”*.

Sendo a aprendizagem um processo e não um pacote adquirido, esta realiza-se num processo de construção permanente. Então torna-se incoerente fazer provas ou ter período de provas nas escolas. Tal atividade faz com que o aluno estude somente com o objetivo maior de tirar notas boas. O aluno assiste à aula (somente) tomando notas, armazenando informações, dedica-se a memorizar conteúdos, assim fazendo de conta que aprende. Mendez (2002, p. 104) afirma que:

*A forma de transmissão que a limita à emissão conduz, de modo supostamente direto, à aprendizagem. Em consequência, e a partir da própria lógica desse raciocínio, demonstra que sabe quem repete mimética e linearmente as mensagens do conteúdo transmitido. (...) O aluno fica reduzido a um mero símbolo de repetição.*

A avaliação deve ser uma oportunidade real de demonstrar o que os alunos aprenderam, o conhecimento adquirido e suas dificuldades.

A avaliação classificatória foge desse sistema, pois, resume-se registros que transformados em números o aluno poderá ser definitivamente determinado como inferior, médio ou superior, privando-o assim do crescimento, da retomada que é a busca da aprendizagem.

Neste caso avaliação não considera a retomada como ponto crucial para o desenvolvimento do educando. Afinal avaliar é colher dados do conhecimento do aluno para chegar na enfermidade da sua aprendizagem e assim, oferecer um tratamento adequado, ou seja, a avaliação é o objetivo de pesquisa para que o professor trabalhe com uma metodologia que proporcione ao aluno um bom desenvolvimento da aprendizagem.

Desta forma, abre espaço para uma avaliação diagnóstica em que Luckesi (1997, p. :53) defende:

*Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e está a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação.*

A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórica-prática da educação também não forem autoritários.

O processo de ensino/aprendizagem é uma construção, reflexão para se chegar ao conhecimento, através de troca de aprendizagem, professor e aluno para e pela educação da qualidade. Avaliar a aprendizagem vai além da cognitiva do aluno, retratada numa prova restrita a perguntas e respostas, com o resultado apontado posteriormente: a nota.

### **O erro considerado uma disfunção, uma anomalia**

Em busca de uma igualdade social do conhecimento a escola não pode mais ter o ensino/aprendizado voltado para o que o professor considera certo ou errado, num determinado momento, assim o erro é sinônimo de anomalia, ou seja, considerado uma falha grave visto como um problema sério e não uma partida para o acerto. O aluno é tido como receptor, num cenário em que o educador seja o transmissor.

Entende-se que o processo avaliativo surtindo efeito positivo ou negativo deve ser questionado repensado e refeito, se necessário. Assim, acontece a inovação e melhoria na educação escolar.

Nessa perspectiva nos acostamos a Demo (1999, p. 78) quando nos diz que:

*A solução mais inteligente não será fugir da avaliação, mas aplicá-la com competência e transferência, incluindo sempre a necessidade de avaliar o avaliador, ou seja o professor: o mais importante para o professor ao avaliar a aprendizagem dos alunos é avaliar o seu próprio trabalho e os critérios utilizados para essa atividade, assim a avaliação estará a serviço do aluno e também do ensino conseqüentemente da aprendizagem. Professores e alunos podem e devem crescer juntos no processo ensino/aprendizagem; de forma que o aprender seja um prazer contemplado em conjunto.*

Compreendemos que a avaliação é um dos momentos essenciais e necessária para o desenvolvimento do ser humano. É fundamental que se tenha uma avaliação constante dentro da sala de aula para o ensino aprendizagem. É importante que deixe de ser um instrumento de classificação, seleção e exclusão social e se torne uma ferramenta voltada para a construção coletiva para todos. Segundo Esteban (1999, p. 15):

*Seleção, classificação e hierarquia de saberes e de pessoas, marcas de um processo que faz das relações ideológicas, relações antagônicas. Processo que gera práticas que dificultam a expressão dos múltiplos saberes negando a diversidade e contribuindo para o silenciamento dos alunos e alunas.*

Ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar. E, a qualidade do docente fica marcada pela sua “rigidez”, “exigência”, que equivocadamente torna-se uma qualidade do profissional da educação, quando na realidade a reprovação significa que o professor não criou situações que favorecessem a aprendizagem daquele aluno prejudicado. Mendez (2002, p. 123), coloca:

*Se você considera que a qualidade de seu ensino é medido pelo número escasso de respostas certas deve compreender que nessa mesma proporção será medida a sua incapacidade de comunicação para levar ao êxito aqueles que tentam aprender com você. O êxito de quem aprende deve ser motivo de satisfação para quem ensina (...). É moralmente inaceitável a atitude de que possa vangloriar-se pelo fracasso que provoca, tão exigente e inteligente em laboratório, tão incompetente e incapaz em sua realização prática de sala de aula.*

A correção é um outro aspecto importante na avaliação da aprendizagem, por isso, deve se ter qualidade nas informações passadas nesse momento, pois essas irão suprir as deficiências que foram encontradas nas situações, analisando, aperfeiçoando a aprendizagem.

O professor preocupado com a aprendizagem do aluno e não só em contabilizar notas, cria situações em que o educando ao receber uma prova escrita veja seus erros e busque superá-los através do esclarecimento das questões e suas dúvidas que é a correção.

Faz parte do processo avaliativo apontar as causas dos erros no intuito de que quem aprende melhor seu aproveitamento, então é muito importante que o professor não desperdice esse momento da avaliação, acreditando corrigir seja apenas colocar riscos, setas e obter notas para posteriormente entregar aos alunos como sentença para quem errou ou o orgulho de quem acertou. Nesse contexto Mendez (2002, p. 122):

*Se basta uma folha perfumada para comprovar acertos/erros, verdadeiro/falso nas respostas dos alunos e que automaticamente você interprete com evidência de aprendizagem ou de ignorância, é bom sintoma que faz com que se pense que aquele exercício de avaliação não está a serviço da aprendizagem embora costume facilitar na tarefa de quem deve corrigir.*

Ainda nesse pensamento Libâneo (1994, p. 198) comenta que: “O professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota como instrumento de controle.”

Acreditamos que o erro não deve ser motivo de punição, mas o início de uma nova etapa de descobrimento, ponto de partida para se chegar ao objetivo.

## 2. CAPÍTULO II

### 2.1. Procedimentos Metodológicos

Com o intuito de obter informações acerca do processo avaliativo realizado pelos professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires, Sousa-PB, optamos por uma pesquisa de caráter exploratório. Nesse sentido concordamos com Santos (2000, p. 26) quando afirma que: *“Explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno.”*

O universo do estudo constitui-se dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da referida escola. Para a realização deste trabalho, iniciamos a coleta de dados com a aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas.

As referências teóricas trabalhadas serviram de base para a análise de dados, que foram utilizadas para desenvolver estratégias que possibilitaram uma reflexão acerca da prática pedagógica do professor.

Para isso, organizamos pautas que se dividiram em seis encontros realizados no turno da manhã, com a duração de duas horas na E.E.E.I.E.F. Dr. Thomaz Pires. Os temas que foram abordados nos encontros foram: “O real, o

ideal e o possível da avaliação da Aprendizagem”, trabalhamos com a música “Estudo Errado” – Gabriel o Pensador, “A importância das perguntas: sugestões reflexivas e críticas do aluno”, “Avaliar para quê?”, “Corrigir para quê?”. Outros temas discutidos foram: “Instrumentos de verificação do rendimento escolar”, “O exame como concretização e artefato (inadequado) de avaliação”. Nos encontros aconteceram momentos de estudos e aprofundamento teóricos baseados na leitura, discussão e reflexão sobre estes textos.

Cada informação, cada fato ocorrido durante as reuniões, foram minuciosamente registrados por nós, para obtermos um entendimento mais amplo sobre a prática avaliativa na E.E.E.I.E.F. Dr. Thomaz Pires.

Através dos encontros o nosso maior objetivo foi colher dados para o nosso trabalho analisando o processo avaliativo desenvolvido pelos docentes da escola, como também possibilitar momentos de reflexão acerca da prática avaliativa dos profissionais da educação da Escola estudada, contribuindo para que a avaliação seja um ato justo e participativo.

Escolhemos como local do estudo a Escola Estadual Dr. Thomaz Pires, localizada no Jardim Sorrilândia na cidade de Sousa-PB, a qual atende a Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, com um total de 30 turmas funcionando dez (10) em cada um dos três turnos. Seu quadro gestor é constituído por diretora e vice-diretora, 35 professoras e 3 vigias. Sua estrutura física é formada por uma biblioteca, uma secretaria, um salão que servia como

auditório para os eventos da escola, porém hoje está sendo utilizada como sala de aula, dois depósitos, nove banheiros femininos e nove banheiros masculinos, dez salas de aula, uma sala de professores onde os livros são guardados e serve como biblioteca e uma cantina.

Das professoras que participaram do nosso estudo cinco são formadas em pedagogia e três não tem formação de nível superior, mas concluiu o pedagógico.

Concluimos que este tipo de estudo nos auxiliou bastante na realização do nosso trabalho, pois foi através do estudo de campo, com um aspecto investigativo, em que procuramos compreender a prática avaliativa daqueles docentes como é feito esse exercício da avaliação e seus efeitos, como também, buscamos saber a compreensão e a forma de interpretação dos professores acerca desse tema.

### 3. CAPÍTULO III

#### 3.1. Avaliação da Aprendizagem vista como uma complexidade

Nesse texto apresentamos as concepções apontadas pelas docentes acerca das dificuldades encontradas no cotidiano de um professor, com a prática da avaliação, através do questionário respondido por estes.

Inicialmente questionamos às professoras sobre o significado de avaliação. Diante dessa questão, uma das professoras respondeu que avaliar é um processo complexo de observação. Uma docente respondeu que avaliar é o método de verificar que o professor encontra dependendo do desempenho de cada um. Três responderam que avaliação é a análise do conhecimento do aluno para depois acompanhá-los. Outra docente respondeu que avaliação utilizada para saber como anda o trabalho do professor. Somente um respondeu que avaliar é uma norma. Vejamos, portanto, o depoimento de uma das professoras: *“Avaliar é o ato de verificar se o objetivo do professor foi realmente alcançado e a partir disso buscar meios alternativos.”* (F.C.)

A partir do exposto, o depoimento das docentes nos aponta que algumas professoras têm um conhecimento vago sobre o sentido da avaliação podemos ver isso quando elas se referem a avaliação como uma norma ou como verificação, porém

vimos que outras acreditam que a partir da avaliação o professor pode tentar melhorar sua prática de ensino proporcionando aos alunos uma melhor aprendizagem. Seria bom que a prática do ensino funcionasse assim, buscando a melhoria, porém, a realidade é contraditória, pois vimos durante o nosso estágio, que alguns professores estão ali apenas para cumprir as normas, trabalhando com seus alunos sem saber “para quê” e “porquê”. Muitos alegam a falta de participação da família na escola dificultando assim o trabalho desta instituição. Como também foi observado que alguns professores estão trabalhando na educação por falta de um melhor espaço no mercado de trabalho e assim a preparação contínua que o trabalho na área da educação exige, não está acontecendo. Assim, a avaliação que é um processo que requer reflexão, preparação teórica se reduz a um momento específico.

No segundo item indagamos sobre as dificuldades que as professoras encontram para avaliar seus alunos. Três delas ressaltaram a dificuldade de saber sobre a realidade dos alunos. Uma docente falou da dificuldade de avaliar o aluno que tem deficiência na leitura. Uma outra, que encontra dificuldade de avaliar qualitativamente. E duas falaram da dificuldade de saber qual o método certo para avaliar seus alunos.

A avaliação é um processo que serve como ajuda para o professor chegar até as dificuldades do aluno. Por ser um processo não basta diversificar os

instrumentos avaliativos para se ter um melhor ensino-aprendizagem, mas mudar a concepção sobre avaliação. Observamos que a avaliação ainda se torna uma dúvida na hora de ser trabalhada, pois é muito complexa quando se põe em prática. Os professores ainda não têm o conhecimento de avaliação enquanto uma prática investigativa, diagnóstica, ou seja, enquanto conhecimento das dificuldades. Afinal, a avaliação deve atuar a serviço do conhecimento e da aprendizagem do aluno e não se resume a medição, aplicação de provas, exames apesar de estar relacionada a ver com essas atividades. O que vem confirmar a teoria de Roffman (1995) que diz que a avaliação é hoje em nossas escolas um ponto não esclarecido.

Questionamos ainda, quais os melhores meios de avaliação na visão delas. Cinco responderam que a melhor forma de avaliar é a avaliação contínua. Uma docente respondeu que a melhor maneira de avaliar é através da aproximação professor e aluno. Uma professora acha que a melhor forma de avaliar é através de provas escritas e pesquisa.

Luckesi (1995, p. 45) entende que:

*A avaliação deve ser vista como uma atividade compartilhada por professores e alunos, de caráter sistemático, dinâmico e contínuo e serve para subsidiar a aprendizagem, e as informações recolhidas sobre a compreensão de um aluno devem ser vistas apenas como uma amostra da informação possível sobre esta mesma compreensão. Sendo assim, as tarefas de aprendizagem devem se constituir, ao mesmo tempo, em tarefas de avaliação, uma vez que a avaliação é parte integrante da rotina das atividades escolares e não uma lacuna.*

Perguntamos também sobre quais os métodos avaliativos que elas utilizam em sua prática docente, onde elencamos como itens, pesquisas, provas orais, internet, entrevista, questionários, palestras, estudo de campo, provas escritas. Sendo os mais apontados: pesquisas, provas orais e provas escritas.

Outra questão abordada foi o nível de satisfação das docentes quanto ao método avaliativo utilizado por elas, todas afirmaram estar satisfeitas. Diante dessa questão tivemos como um dos posicionamentos das docentes: *“Tenho conseguido acompanhar bem o nível da aprendizagem que eles desenvolvem”* (D. 6) concordamos com (Hoffman, p. 35, 1998) quando: *“A avaliação não é nem o objetivo, nem o fim de um processo, é, a relevância das situações de aprendizagem não depende das possibilidades de avaliação imediata.”*

Questionamos se a avaliação é motivo de evasão escolar, todas as respostas foram não, pois todas as professoras afirmam que o índice de evasão daquela escola é insignificante.

A avaliação deve ser utilizada como caráter educativo que proporcione a construção de conhecimento, dessa forma quando é utilizada como punição então deixa de ter um caráter educativo, por isso a avaliação não pode ser o motivo de evasão de uma escola. Nessa perspectiva (Veiga, 1995, p. 45) enfatiza:

*A escola de qualidade tem obrigação de evitar de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão. Tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório de todos. Qualidade para todos, portanto, vai além da meta qualitativa de acesso global.*

Indagamos se existem momentos de estudos na escola sobre o ato de avaliar a aprendizagem dos alunos. Todos apontaram que sim.

Vale salientar que para algumas das perguntas que formulamos obtivemos respostas muito confusas, ficando evidente a pouca habilidade de leitura e escrita dos professores em estudo. Isso dificultou muito esta etapa do nosso trabalho de obtenção de informação. Daí, perguntamos, como esses professores obterão êxito no ensino-aprendizagem dos seus alunos, se eles próprios não detém essas habilidades?

A avaliação é hoje um tema que tem ocupado bastante espaço nas discussões dos profissionais na educação, na busca de um melhor entendimento e prática dessa ação. Então acreditamos que nós profissionais dessa área deveríamos ter uma inquietação acerca da avaliação procurando aprofundar nossos conhecimentos, para ter uma prática avaliativa não só de constatação, mas também de intervenção para mudar e assim conseguir uma prática da avaliação justa.

### 3.2. Concepção dos docentes acerca da avaliação

Nesta etapa do nosso trabalho iremos relatar sobre as atividades e experiências realizadas no nosso estágio supervisionado ocorrido na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires em Sousa-PB. No qual foram realizados seis encontros em que foram oferecidos às professoras momentos de estudo e reflexão dentro dos nossos limites de conhecimento, acerca da prática avaliativa. Tentamos colaborar, procurando despertar as professoras para uma prática avaliativa, onde exista mais participação dos alunos numa ação investigativa, diagnóstica por parte do professor, ou seja, um melhor processo avaliativo que favoreça a aprendizagem.

Os encontros aconteceram nas últimas semanas do ano letivo, motivo que dificultou os últimos encontros, pois os professores estavam empenhados na elaboração, correção e organização das notas nos diários. A diretora demonstrava muita preocupação com os serviços burocráticos que deveriam ser entregues à Secretaria da Educação dentro de um determinado tempo, estipulado por aquela instituição. Em relação a isso a diretora comenta:

*O serviço burocrático da escola é muito cobrado pela Secretaria da Educação, que tem que cumprir norma de um sistema pouco preocupado com a aprendizagem e só com os números de aprovados e reprovados para posteriormente expor na mídia. (D.L.)*

No primeiro momento encontramos na escola uma falta de troca de entre professor e diretora, pois havíamos conversado com esta, marcando nosso encontro de acordo com a disponibilidade deles, para aquele dia. Porém, a diretora com a correria diária a que normalmente esses profissionais são submetidos, não comunicou às professoras e, de última hora solicitou a liberação dos alunos e que as professoras entendessem o porquê. Então esclarecemos e informamos melhor às professoras sobre os encontros, salientando que a participação delas seria fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, como também os textos abordados iriam enriquecer ainda mais o conhecimento delas acerca da prática avaliativa, pois percebemos durante o estágio que as professoras sentiam uma necessidade de conhecimento sobre avaliação, pois demonstraram uma grande dificuldade em desenvolver essa prática. Nesse contexto, tivemos a fala de uma professora: *“Não sabemos se utilizamos o método certo para avaliar, pois avaliação é muito complexa”*. (P.F.)

Foi percebido, também nessa fase do nosso trabalho, algumas respostas contraditórias em relação ao questionário que elas haviam respondido antes dos encontros. Todas responderam que estavam satisfeitas com o método avaliativo da escola. Porém, na reunião pedimos para cada uma comentar sobre o método utilizado, se precisaria mudar e como elas poderiam fazer para realizar essa mudança. Através de relatos das professoras constatamos o quanto a prática é diferente da teoria. Vejamos no seguinte relato:

*O processo avaliativo da minha escola ainda esta muito preso ao tradicional, provas escritas para obtenção de notas. É claro que esse processo avaliativo está ultrapassado, vontade de muda-lo não falta, mas acabamos não conseguindo fazer diferente. (P.R.)*

*A avaliação aplicada deveria incentivar os alunos a se expressarem mais. O professor acreditar mais e dá mais liberdade de expressão aos alunos. (P.M.)*

Nesse contexto Cunha (1996, p. 46):

*O professor que Acredita nas potencialidades do aluno, que está ocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação com a mesma, exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição. E isto também está indicado na relação professor-aluno.*

Algumas professoras têm formação de nível superior, outras apenas o ensino médio concluído, como também algumas com muitos anos de ensino tendo já completado o seu tempo para aposentadoria, ou seja, que já deveria ter aposentado, percebemos nestas um interesse menor. Teve encontro em que o assunto gerou uma certa polêmica em que todas as docentes queriam falar, mas, logo procuramos organizar a fala de cada uma. Também aconteceram reuniões em que a participação das professoras com suas concepções, foi muito pequena, elas atribuíam esse desânimo, presente nas duas últimas reuniões, ao acúmulo de tarefas de conclusão do ano letivo que o professor tem que cumprir.

A supervisora se fez presente a todas as reuniões, demonstrou interesse em saber mais sobre avaliação, embora seja muito tímida, aos poucos foi

participando dos debates. Em conversa com as professoras antes do início dos encontros, pudemos observar que estas não estão satisfeitas com o trabalho da supervisora, pois consideram seu trabalho com pouca iniciativa.

Podemos observar uma certa revolta das professoras com relação à ausência dos pais no acompanhamento escolar dos filhos, pois estas afirmam que toda responsabilidade dos fracassos da escola recai sobre os docentes. Uma das professoras comenta sobre isso:

*A escola não consegue ir bem sem a participação e ajuda dos pais, pois os pais chegam na escola jogam os filhos como se esse fosse o turno que eles iriam ter sossego em casa, ou seja, que ia se livrar do filho trazendo-o a escola e mandando agente tomar de conta. (P.M.)*

Percebemos ainda que algumas professoras vêem na educação um campo de trabalho pouco remunerado e que não estão exercendo a profissão por desejo ou escolha, mas, por não terem outro espaço no mercado de trabalho. Podemos constatar isso no comentário das docentes:

*Somos mal pagas, desvalorizadas e toda exigência é sobre o professor, na área da educação. (P.J.)*

*Não podemos nos apegar ao salário que recebemos, pois se pensarmos nisso, no país em que vivemos, será difícil realizar um trabalho com prazer e com sucesso. (D.C.)*

A partir dessa realidade das falas que concordamos com Pedro Demo (2000), quando coloca: “O professor é uma figura muitíssimo motivada. A gente

*espera um monte de milagre de um professor que não tem condição... Precisaria pedir para que a sociedade cuide do professor."*

As professoras trabalham com provas escritas em sua maioria. Foi observando que por mais que elas concordassem com tudo aquilo que estávamos estudando nos textos, sua prática avaliativa é voltada para provas. Encontramos professoras muito dedicadas à sua tarefa de educar e desejos de proporcionar a aprendizagem de seus alunos, através de inovações, porém, deparamo-nos também com professoras despreparadas que percebíamos estarem alheias ao que debatíamos. Algumas colegas de trabalho haviam observado essa despreparação e relataram em um momento do estágio: *"É preciso fazer uma avaliação a partir de nós profissionais, porque muitos professores desqualificados estão deformando para a vida."* (D.F.)

Debatemos um texto que falava precisamente da importância das perguntas: "Sugestões para a ação reflexiva e crítica". Foi notória a preocupação dos professores no aspecto de elaboração de perguntas em que deixe o aluno se expressar e expor sua opinião, como também foi discutida a dificuldade dessas professoras em trabalhar uma aula em que seus alunos tenham espaço para argumentar e discutir, pois as crianças estão adaptadas a um cenário de sala de aula em que o professor transmite as idéias e eles "recebem" a mensagem e assim as crianças se acomodam e não colocam em prática a exposição de suas concepções, se intimidando em falar. A falta de hábito da criança desde cedo em ser um agente participativo, a partir da sala de aula, dificulta o processo da

avaliação qualitativa, já que este só existe, se acontecer a interação professor e aluno em que o primeiro, avalia nesse contato, o progresso da qualidade da aprendizagem dos segundos.

As professoras relatam que nas provas escritas os alunos sentem dificuldades em responder perguntas que as respostas são pessoais, isso também comprova o que havíamos afirmado anteriormente.

Por fim, gostaríamos de salientar que um professor competente que vê no saber uma inesgotável arte, consegue fazer da avaliação um processo que vai muito mais além da mensuração de comportamento e de medir saberes.

#### 4. Considerações Finais

Gostaríamos de tecer algumas considerações provisórias, acerca do nosso objetivo de trabalho que foi analisar o processo avaliativo desenvolvido pelos docentes da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires. Ficamos felizes com o resultado deste que nos proporcionou um contato mais aproximado com o problema que o professor enfrenta em relação a prática avaliativa. Poderíamos ter sido melhores, mas a pouca disponibilidade de tempo das professoras e do cronograma das atividades do curso dificultaram um pouco nosso trabalho, sendo que as professoras nos últimos encontros do estágio não queriam mais dar sua contribuição debatendo, comentando, e isso era extremamente importante para desenvolvermos nosso trabalho.

Esperamos ter contribuído com este trabalho para prática docente da escola, pois acreditamos que a avaliação precisa deixar de ter uma prática conservadora, ou seja, a prática avaliativa precisa ser utilizada para se obter um ensino-aprendizagem de qualidade. Mas será que a avaliação deixará de ser uma arma que têm o poder de promover ou classificar nas mãos dos professores? Será que os professores realmente tentam colocar em prática uma avaliação

diagnóstica, investigativa ou só estão sendo levados pelo modismo da investigação?

Essas são algumas dúvidas que ainda temos conosco e que pretendemos esclarecer em estudos posteriores.

Através deste trabalho podemos compreender o quanto a avaliação pode se tornar injusta sendo trabalhada inadequadamente e construtiva quando é tida como subsídio para ter o desenvolvimento da aprendizagem.

Sem a pretensão de dar soluções a questões tão complexas e debatidas por muitos estudiosos da pedagogia, queremos, no entanto, uma reflexão de qualidade acerca da aprendizagem e do que deve ser levado em consideração numa avaliação. Esperamos ainda que o professor possa sempre rever suas práticas docentes no intuito de uma melhoria na formação do educando.

## 5. Referências Bibliográficas

CUNHA, Maria Isabel. **O Bom Professor e sua Prática**. Campinas: Papyrus editora, 1996.

DEMO, Pedro. **Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança**. Rio de Janeiro: SP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mitologia da Avaliação: como ignorar em vez de enfrentar problemas**. Campinas: Autores Associados, 1999.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: SP&A, 1999.

HOFFMANN, J. M. C. **Pontos e Contra Pontos do Pensar ao agir em Avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MENDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar por conhecer examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

# ANEXOS

## **Pauta do 1º Encontro**

Escola: Escola estadual de Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires

Estagiários: Gilmara Alves Formiga

Gilvaneide Fernandes de Carvalho

Data: 18/11/2004

Público: 08 professores

Duração: 9:00hs às 11:00hs

Tema: O real, o ideal e o possível da avaliação da aprendizagem.

Objetivo: Analisar como funciona e o que os professores desejam o que seja e avaliação naquela escola.

Apresentação: Iremos comentar o que será nosso trabalho e como serão os encontros, salientando que não levaremos receitas prontas para solucionar os problemas, sobre avaliação, enfrentado pela escola.

Explicação do tema: conhecendo a concepção de cada um dos docentes sobre avaliação. Solicitar que elas comentem como está o ensino da escola, como poderia ser e o que poderia ser feito.

Dinâmica: Música: “Estudo Errado” – Gabriel O Pensador, discutir esta trazendo para a realidade da escola.

Considerações Finais: Comentar que a mudança só acontece com a iniciativa de cada professor. Agradecimento pela atenção.

Prezados (a) professores:

É com satisfação que aplicamos este questionário, no intuito de colher dados objetivos a respeito da sua prática avaliativa nas séries iniciais do Ensino fundamental.

Sua colaboração nas respostas que apresentarão serão de suma importância para um bom encaminhamento na nossa Monografia.

Agradecemos pela sua disponibilidade e pela atenção prestada.

### Questionário

1. Para você o que significa avaliação?

---

---

---

---

2. Que dificuldades você encontra para avaliar seus alunos?

---

---

---

---

3. Quais os métodos avaliativos que você utiliza na sua prática docente?

Pesquisa

Entrevistas

Provas orais

Questionários

Internet

Palestras

Provas escritas

Estudo de campo

Outros.

Quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Quais são os melhores meios avaliativos para você? Por que?

---

---

---

---

5. Você considera seu método avaliativo:

Muito satisfatório

Pouco satisfatório

Satisfatório

Insatisfatório.

Justifique sua resposta. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Ao elaborar uma prova você deseja:

Saber se os alunos aprenderam o conteúdo.

Favorecer a aprendizagem

Classificar os alunos

Chamar atenção para a explicação na sala de aula

Outros. Quais?

7. Quais os critérios que você utiliza para avaliar seu aluno na sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Na sua escola, a avaliação é motivo de evasão escolar ?

Sim

Não

Porque? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9. Na instituição que você trabalha, existe momentos de estudos sobre o ato de avaliar os alunos?

Sim

Não.

Quando? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_